

O impossível diálogo político

Os bandidos armados não tiveram nunca prática política. A prática política de um movimento mede-se pelo seu relacionamento com o povo, pela adesão e confiança que é capaz de conquistar. Os bandidos armados não tiveram nunca outra prática que não fosse a do crime dirigido contra a população civil o terror foi desde sempre a sua linguagem exclusiva. Foi a arma usada pelo imperialismo para tornar inviável o funcionamento do nosso país, destruindo infra-estruturas económicas e sociais.

Os crimes dos bandidos prosseguem: assassinando passageiros dos machimbombos e dos comboios, raptando e matando técnicos, mutilando velhos e crianças. Machambas e serrações são atacadas e destruídas. Lojas são assaltadas. Estradas são minadas. Quando se fizer a história do banditismo não existirá da sua trajectória passageira, nada senão o trágico relato de massacres e barbaridades. Não existirá qualquer construção que tenham realizado em benefício de qualquer estrato ou classe da população moçambicana. Não existira nenhuma obra material ou espiritual com que tenham contribuído a favor de qualquer interesse moçambicano. Nenhum sector da população moçambicana guardará deles senão a amarga recordação de quem foi usado por interesses estrangeiros. Quem construiu o banditismo armado foram estrangeiros que recusaram o direito do Povo moçambicano à autodeterminação e independência.

Esses cabecilhas do banditismo, por muito esforço que façam, não se podem apresentar como dirigentes de um movimento político. Não podem ter pretensões de interlocutores credenciados para que com eles se realizem discussões políticas. Existe muito sangue, muita tra-

gédia que semearam e de que não se conseguirão nunca desresponsabilizar. Existe uma lista infundável de crimes horrorosos que nenhum movimento político ousaria reivindicar mas que têm, indelével, a marca da sua assinatura. Os representantes do banditismo fizeram demasiadas alocações públicas declarando-se autores desses crimes contra moçambicanos e estrangeiros. Não é possível que hoje se apresentem de outra maneira. Só podem ser o que são, o que sempre foram: chefes de marginais e de criminosos de delito comum, cujo único propósito é o crime e o terrorismo. Chefes de irresponsáveis que causaram num País recém-nascido feridas de uma quarta calamidade, que é essa do destino a dar àqueles que por força da ameaça, do rapto e da ignorância, foram recrutados para o banditismo.

A amnistia que o Governo moçambicano concedeu é já um passo de clemência não usual na história do banditismo e do mercenarismo. A política de clemência forjada já no processo de libertação nacional é a raiz desta medida. Não é possível conceber outras medidas que não se inscrevam no quadro do relacionamento de um povo para com malfetores de delito comum. Conversações políticas fazem-se com movimentos de oposição, que através de uma prática política se apresentem como alternativa para a resolução de problemas nacionais. Em Moçambique não existe essa oposição. Existem bandidos que, a partir do exterior e respondendo a interesses estrangeiros, aceitaram matar sem discriminação, visando como alvo todos os que vivem e trabalham no nosso País. Não existe, pois, a mínima possibilidade de ter esses cabecilhas do crime como parceiros de um diálogo político.

NELSON MALANGABI